

---

---

# terra roxa

## e outras terras

---

---

Revista de Estudos Literários

### JORGE DE LIMA: POESIA NEGRA E A RECEPÇÃO CRÍTICA

Alamir Aquino Corrêa (UEL)

RESUMO: Discussão da fortuna crítica sobre os poemas de temática negra de Jorge de Lima, enfatizando a linha de influência de Gilberto Freyre na interpretação e louvação do poeta alagoano. Apontamento da distância de Lima em relação ao negro por um lado e da eficácia do reconhecimento do negro como contribuidor para a cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: poemas negros; Jorge de Lima; crítica.

“Essa Negra Fulô” é sem dúvida um dos poemas mais conhecidos do período modernista brasileiro; traduzido em várias línguas, parece equivaler à “Evocação do Recife” de Manuel Bandeira e ao “Poema de Sete Faces” de Carlos Drummond de Andrade em quantidade de participações em antologias de poesia brasileira. Parece ser coerente afirmar que o motivo principal desta fama deve-se à presença do negro, enquanto base da formação étnica do povo brasileiro, que o modernismo tenta recuperar da visão romântica de um Castro Alves, mas que acaba por permanecer ainda na esteira de *Meditações* de Gonçalves Dias. Sem sombra de dúvida, entretanto, é inusitado este poema de Jorge de Lima, a par dos seus *Poemas Negros*, não só pela sua visão mais concreta e verossímil, e simpática poder-se-ia dizer, da participação do negro na formação da sociedade brasileira (lembrando *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre), mas especialmente pela sua recepção, particularmente aquela publicada em inglês, marcada pela observação valorativa em extremo da figura do negro; o discurso prevalente é o da democracia racial, como se não houvesse distanciamentos ou conflitos raciais no Brasil. Neste sentido, cabe observar que o registro de Jorge de Lima, embora consistente com o momento modernista, mantém o sabor da boa convivência entre brancos e negros.

Professor Emérito da Stanford University e um dos mais eminentes historiadores em atividade, ganhador do prêmio Pulitzer em 1972 por *Neither*

*Black nor White*, Carl N. Degler acaba por concluir que um branco com sangue negro não é mais negro nem menos branco; a prática norte-americana, contrariamente, no trato das mixagens raciais é radicalmente diversa do postulado – isto é, se há sangue negro, é negro! O negro brasileiro é visto por ensaístas norte-americanos (largamente influenciados pelos textos de Gilberto Freyre e Roger Bastide) como objeto de “moda”, para a discussão acadêmica. Os poucos críticos literários que têm se debruçado sobre a poesia de Jorge de Lima, caso de Earl E. Fitz e James H. Kennedy, parecem louvar *fashionably* Jorge de Lima, como mulato que reconhece seus antecedentes raciais.

Em artigo publicado em *Black World*, como introdução à tradução de “Essa Negra Fulô” e “Pai João”, Kennedy diz: “Jorge de Lima celebrates the black as no other Brazilian has been able to do; he does not merely describe social conditions, but the very soul of the Black: his life and passion, his yearnings, superstitions, religious syncretism, and mysterious spirit” (1973: 18-19). Ao se ler *Poemas Negros*, verifica-se que sete poemas falam da mulher negra, um do mulato (“Retreta do vinte”) e um do homem negro (“Benedito Calunga”); os outros são genéricos, sem referência explícita à raça ou a mixagens. Acrescentando “Pai João” e “Essa Negra Fulô”, vê-se que haveria mais três mulheres e apenas mais um homem. Ou seja, Jorge de Lima tem como figura mais interessante a mulher negra, e não o negro enquanto ser social. Na leitura dos *Poemas Negros*, há vinte e quatro poemas de temática negra, sendo oito sobre mulheres, três sobre homens (ainda que em “Pai João”, haja referência a três mulheres), seis poemas de temática religiosa, quatro sem referência explícita, e três sobre o negro como raça. Não seria temerário dizer que há mais sensualismo na poesia de Jorge de Lima do que a visão ampla e antropológica de Kennedy. No contexto do modernismo, a abordagem de Lima parece corroborar a visão de Kennedy, mas falta a este o senso crítico da situação do negro no Brasil, talvez pelo seu encantamento diante dos versos de Jorge de Lima, a tratar idealizada e liricamente a participação do negro na sociedade brasileira.

James H. Kennedy (que trabalha no Office of Bilingual Education of the District of Columbia Public Schools) afirma que Jorge de Lima seria “the son of abolitionists who for two generations refused to utilize slave labor on their property” (1973: 19), sem que haja referência factual para esta afirmação. Sabe-se que um avô, ou quem sabe um bisavô, de Jorge de Lima teria sido fazendeiro, mas o seu pai era um comerciante andejo, conforme declara Povina Cavalcanti, cunhada de Jorge de Lima.

Earl E. Fitz, professor da Vanderbilt University, em seu estudo sobre Nicolás Guillén e Jorge de Lima faz, entre várias, duas assertivas que interessam mais ao escopo deste trabalho. Jorge de Lima clamaria por um reconhecimento mais amplo do papel africano na civilização brasileira,

comprovado pelos versos de “Ancila Negra”. Pela própria prova do argumento feito por Fitz, no entanto, o papel africano parece ser mais de uma mulher negra que pode ser usada sexualmente, igualmente encontrável na ficção de Lins do Rego e Jorge Amado.

Para Fitz, “Jorge de Lima evokes memories of deeply felt African legacy” (1976: 83), o que parece ser essencialmente válido. Entretanto, Jorge de Lima encontra-se dentro de uma tradição de completo desconhecimento do africano enquanto produtor de cultura. O poema “Bicho Encantado”, em formato de adivinha, por um sucedâneo de negativas, apresenta uma personagem infantil, Janjão, que elucida as adivinhas; é um possível retrato da convivência de filhos da Casa Grande com as amas-secas e mães de leite. Jorge de Lima mantém-se próximo da negra, no traço memorialista de uma infância que usa, ainda que íntima, de sua propriedade.

Maria Luísa Nunes, professora da State University of New York at Stonybrook, discutiu as temáticas negras na poesia de Jorge de Lima. Norteadada por Charles Wagley (que foi professor da University of Florida e um dos *brazilianistas* pioneiros), Nunes estabelece que raça não é fator determinante da população brasileira (1976: 418-19). Ela comenta que o mulatismo de Machado de Assis não o impediu de ser o maior escritor brasileiro. Afirma ainda que há uma nítida influência européia nos escritores mulatos, negros e brancos brasileiros, caso de Machado de Assis, Cruz e Sousa e Mário de Andrade (1976: 420); é de se pensar, pelo argumento, que talvez se tivessem escrito em iorubá, xona ou zulu, pudessem desprezar o mundo ocidental, de forma a manterem-se coerentes com as suas “raízes”. A seguir, Nunes parece acreditar que os negros brasileiros compartilham dos padrões básicos da cultura nacional, e deixa entender que a cultura nacional é primordialmente branca. Depois, discute a questão racial no Brasil pelo prisma de Gilberto Freyre, colocando o mulato como dotado de mobilidade vertical ascendente; ou seja, o mulato por ter algo de branco pode subir alguns degraus sociais.

Há no artigo de Nunes uma ligeira confusão entre o dizer poético e a biografia de Lima; ao tratar de “Esta Negra Fulo”, Nunes afirma “we have no specific indication as to whether the poet’s grandmother was the mistress or Fulô”. Na primeira edição do poema, havia a seguinte epígrafe: “Essa negra Fulô!/ Essa negra Fulô!/ (Côco de Alagoas)”. A leitura feita por Nunes dá-se a partir dos versos da primeira estrofe do poema:

Ora, se deu que chegou  
(isso já faz muito tempo)  
no bangüê dum meu avô  
uma negra bonitinha

chamada negra Fulô. (Lima 1974: 119)

A epígrafe elimina a viabilidade de leitura biográfica do poema. O poema usa da liberdade modernista para aceitar a regência “chegou em” em franca inobservância da regência normativa. Outro porém é a estrutura “dum meu avô”, algo que evidencia uma generalidade.

Nunes afirma ainda que Jorge de Lima “seems to be idealizing the long suffering faithful old slave while recognizing this unsung hero as one of the instruments of the foundation of Brazil. In Pai João’s humanity and gentleness, is not the poet recognizing an element of ‘Negritude’?” (1976: 426-27). Talvez o termo “idealizando” seja um pouco forte, pois há largo sofrimento da personagem do poema; ainda, além da exploração humana, vê-se a idéia de que o sangue negro será, ou foi no caso de Pai João, diluído na raça branca, que é boa, como no verso “O sangue de Pai João se sumiu no sangue bom / Como um torrão de açúcar bruto / Numa panela de leite” (Lima 1974: 111). Esta referência da diluição do sangue (logo da influência e da herança) também aparece no poema “Olá! Negro”, já mencionado anteriormente. Há um evidente laço lírico-paternalista, quem sabe puxado ao lusotropicalismo freyreano, no fecho do poema: “Há uma noite lá fora como a pele de Pai João. / Nem uma estrela no céu. / Parece até mandinga de Pai João”, no mesmo tom do fecho de “Irene no Céu” de Bandeira: “Entra, Irene. Você não precisa pedir licença”. A negritude passa a ser um estar dolente do negro, sem revolta, apenas garantindo a sua qualidade de homem e não de objeto.

Talvez um dos artigos mais conscientes da problemática da poesia de temática negra de Lima seja o trabalho de Richard Preto-Rodas, professor de línguas e literaturas românicas da University of South Florida. Inicialmente, Preto-Rodas levanta a diferença fundamental entre a poesia de Castro Alves em relação à de Jorge de Lima: “the authentic flavor of Lima’s black-inspired poetry, which is worlds away from the Hugoesque rhetoric of Castro Alves and its social romanticism.” (1975: 82). Para ele, Lima e Lins do Rego eram membros de uma aristocracia branca, ainda que houvesse mistura racial na ascendência. Contradizendo a posição de Freyre sobre a impossibilidade de uma literatura negra na “democracia racial” brasileira, Preto-Rodas diz que: “the blacks in de Lima’s poems and in Lins do Rêgo’s novel do not evidence a completely harmonized view but rather suggest that there is a curious emotional distance separating each writer from the world of his subjects” (1975: 84). Lembra também que a estrutura de “Esta Negra Fulô” é própria, cadencialmente falando, dos grupos folclóricos de Alagoas, e que a preocupação de Lima é com a mulher negra: “Fulô is sensually attractive; indeed, the figure of the seductive black woman is the leitmotif prominent

throughout Jorge de Lima's afro-Brazilian poems" (Preto-Rodas 1975: 85). Uma temática constante apontada por Preto-Rodas em Lima (Preto-Rodas 1975: 87) é o sexo mesclado com a macumba ou com o candomblé e com a música, como em "Xangô" de Jorge de Lima:

Na noite aziaga, na noite sem fim  
Recende o fartum. Recende o fartum.  
Senhor do Bonfim! Senhor do Bonfim  
Oxum! Ô! Ê!

Redobram o tantã, incensam maconha!  
Sorri Oxalá!  
E a preta mais nova com as pernas tremendo,  
no crânio um zumzum,  
no ventre um chamego  
de cabra no cio... Ê! Ê! (Lima 1974: 177)

A cozinha africana aparece em vários pontos da poesia de Lima (Preto-Rodas 1975: 88) e há poucas referências a homens: "the black male appears far less frequently and then is usually a figure in a voodoo ceremony" (1975: 90). Finalmente, usando Guerreiro Ramos e sua *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira* (1975), Preto-Rodas admite haver em Jorge de Lima um traço que é comum a vários outros de sua geração: "the poet foresaw an even whiter Brazil, where the Negro presence would eventually disappear" (1975: 93).

O francês Roger Bastide apresenta um Jorge de Lima que difere de Castro Alves, pois que mais humano e particularizado; afinal, Lima "povoa sua Serra da Barriga de jongs e sambas – é Palmares vista através dos olhos de uma criança que assistiu aos jogos mais modernos dos brasileiros de cor" (1947: 31). É poeta observador, não integrado, mas que inebriado pela força do motivo, cria emocionalmente, como fantasia infantil, carregada de de uma realidade inocente, visto que inexperiente. Em "Olá! Negro", haveria um testemunho carregado de remorso daquele que sustentou "que o elemento africano estava fadado a desaparecer, que o Brasil caminhava para uma arianização e um 'embranquecimento' progressivo do sangue" (Bastide 1947: 32). Aliás, há um texto de Jorge de Lima que precisa ser lido para a compreensão maior da temática do negro em sua poesia: *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien* (publicado em Leipzig em 1935 e republicado no Rio de Janeiro em 1951).

Povina Cavalcanti é autor da biografia de Jorge de Lima, corrigindo uma série de lendas a respeito do homem e da obra. Ao dizer que Lima "comandava" a poesia negra "com o espírito de uma autêntica democracia

racial” (1969: 107), percebe-se que a afirmação de Cavalcanti está alinhavada pelos dizeres de Gilberto Freyre, sem qualquer traço de preconceito. Segundo ele, Lima “desfralda a bandeira da interpretação dos negros”, pois “não estão quebrados os grilhões dos preconceitos do racismo” (Cavalcanti 1969: 201); parece haver, pois, a compreensão de que Lima buscava mais evidenciar a eugenia “necessária”, embora respaldada pela sobrevivência de uma alma negra a matizar os brancos, refletindo talvez o viés positivista gobineauano que marcou a inteligência brasileira por tanto tempo:

A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!  
E és tu que a alegras com os teus jazzes,  
com os teus songs, com os teus lundus!  
Os poetas, os libertadores, os que derramaram  
babosas torrentes de falsa piedade  
não compreendiam que tu ias rir!  
E o teu riso, e a tua virgindade e os teus medos e a tua bondade  
mudariam a alma branca cansada de todas as ferocidades!

Olá! Negro! (Lima 1974: 180)

Cavalcanti acredita que Jorge de Lima teria impregnado “a sua poesia de uma consciência solidária no sofrimento e nas aflições dos homens de cor”, e que “não tem sido ‘atitude de branco’ a sua compaixão pelos pretos” (1969: 202, 204). É importante anotar paralelamente que a solidariedade e a compaixão neste caso indicam firmemente o distanciamento de Jorge de Lima, a olhar o negro com um viés positivo, mas nunca integrativo ou autodefensivo, a considerar a hipótese de reconhecer-se em Lima a consciência de um “ser negro”. Cavalcanti aponta ainda uma visão do negro em Lima, a refletir sempre as idéias do lusotropicalismo:

O negro da poesia de Jorge de Lima não é um fantasma, nem uma simples evocação sentimental. O negro é um ser humano e, como tal, um irmão que a vesguice dos homens, a brutalidade dos instintos, o atraso intelectual, os preconceitos, as vaidades tacanhas, o submundo dos feitores, os jograis da sociedade, os senhores das senzalas, os capitães de mato, os falsos doutores, os mandões facínoras, os lúbricos e os devassos transformaram no símbolo da nossa democracia racial – o mártir do nosso agiologismo etnográfico. (1969: 205)

Uma das primeiras manifestações críticas sobre a poesia de temática negra em Lima é de Gilberto Freyre, em estudo publicado como prefácio ao livro de Jorge de Lima e posteriormente como artigo em *O Jornal* (Rio de Janeiro) em 22 de novembro de 1953, sob o título “Jorge de Lima e os seus *Poemas Negros*”. Freyre argumenta que Lima “leva sem nenhum rancor nem ranger de dentes o cristianismo para o campo específico das relações fraternais dos brancos com os povos de cor” (Lima 1974: 158). A assunção de que o branco não tem cor e que cristãmente brancos e negros podem ser irmãos parece-se com a ideologia da expansão ultramarina portuguesa, levar a cruz ainda que nas embiras como afirma Jorge de Lima em seu estudo sobre Anchieta, e com o “fraternalismo” tão próprio do regime escravocrata no Brasil! Lembre-se aqui que houve ordem governamental para apagar da memória nacional os registros da escravatura, como forma de “redenção”. Recentemente, um mandatário nacional argumentava que deve ser paga a dívida com a África.

Criticando aqueles que identificam uma gulodice do pitoresco em manifestações artísticas, Freyre afirma que vários artistas e escritores do Nordeste, mesmo “não sendo de origem rigorosamente popular nem principalmente ameríndia ou africana, têm se dedicado ao estudo, à interpretação e até à expressão dos complexos mais característicos da região” e entre eles estaria Jorge de Lima; esta atitude buscaria demonstrar revolta contra os últimos preconceitos de cor, na verdade confundidos com os preconceitos de classe “que mantêm na miséria tantos descendentes brasileiros de africanos” (Lima 1974: 158). Há de se considerar a distância que separa o texto de Freyre e a consciência recente da afrodescendência e da situação racial brasileira. Mesmo assim, Freyre acaba por colocar Lima como branco que se irmaniza cristãmente com os sofrimentos de alguns brasileiros. A polêmica que cercou o Manifesto Regionalista de 1926, “publicado” por Freyre em 1952, exemplarmente desmascarado por Joaquim Inojosa em *Sursum Corda*, acaba por levar à luz o pitoresco como marca central de boa parte da produção literária nordestina do período. Afinal, não é outra a sensação ao se ler o “Poema da Encantação” de Jorge de Lima: “Vos ofereço quibebe, quiabo, quitanda, quitute, quingombô. / Tirai-me essa murrinha, esse gogo, esse urufá, / que eu quero viver molecando, farreando, tocando meus ganzás” (Lima 1974: 173).

Contrapondo-se à opinião do poeta, romancista, crítico, jornalista e advogado negro James Weldon Johnson (1871-1938), autor de *The Autobiography of an Ex-Colored Man*, o renomado sociólogo Gilberto Freyre diz que “em nenhum país, porém, o descendente de africano tornou-se tão da terra como no Brasil” (Lima 1974: 159). Ora, como poderia sentir-se próprio da terra aquele forçadamente exilado, a conviver com outras línguas e gentes?

A mistura racial deu-se em função da ausência de mulheres brancas e da necessidade de aumentar o patrimônio; não houve acolhimento. O colono português pouco se adaptou aos trópicos (lembre-se aqui de *A Selva* de Ferreira de Castro), em verdade procurou realizar nos trópicos a mesma arquitetura européia; o africano não teve meios para retornar às suas origens; o mulato não tem ligações com Europa (veja-se o caso de Caldas Barbosa e do Moraes) e nem com África; o índio foi progressivamente dizimado. Em suma, pouco houve de sentimento de próprio da terra; o resultado da miscigenação, a política reinol de direitos civis dos colonos, a libertação dos escravos, tudo isso contribuiu para a formação de uma população entristecida que viu a terra brasileira como seu único patrimônio e refúgio pela completa impossibilidade de outro comportamento ou solução (lembre-se aqui das leituras sobre o destino do Brasil feitas por Euclides da Cunha, no pós-escrito de *Os Sertões*, e por Paulo Prado, em *Retrato do Brasil*).

Retomando Freyre, há em seu texto uma espécie de hierarquização das raças; ao lembrar a expressão poética de Gonçalves Dias, diz que “todo brasileiro, mesmo o mais rigorosamente branco e erudito, . . . , quando longe do Brasil dói-lhe a saudade das palmeiras tropicais, dos cajueiros caboclos, dos canaviais dos velhos engenhos do Norte” (Lima 1974: 159). Ou seja, erudição e anseio por distância dos trópicos tem direta relação com a raça! No fecho do artigo sobre a poesia negra de Lima, Freyre aponta nela o valor maior, pois que o autor de *Poemas Negros* “enriquece o brasileiro das áreas menos coloridas pela influência africana, com a expressão poética de sua experiência de nordestino de bangüê nascido e criado perto dos últimos pombais negros de que falou Nabuco” (Lima 1974: 160).

Sérgio Milliet, em *Panorama da Moderna Poesia Brasileira*, acaba por afirmar que “a reivindicação social, expressa em termos de revoltae amargura [em] toda poesia de raízes africanas em terras de brancos”, na poesia de Jorge de Lima “torna-se participação e passa a exprimir-se em termos de sensualidade e musicalidade” (1952: 49). Jorge de Lima usaria de um elemento pitoresco e poético, dentro do espírito modernista, a música e a sensualidade, pois que mais preocupado com a mulher negra; com isso, passa a participar do conjunto, muito embora isso seja mais reflexo de observação do que de integração.

Já Antônio Rangel Bandeira torna-se, diante do exposto anteriormente, o mais singular crítico de Jorge de Lima. Após a leitura do ensaio de Lima, intitulado “Todos Cantam a Sua Terra”, Bandeira afirma que o poeta alagoano nos anos vinte e trinta teria uma relação bastante fria em relação ao negro, chegando a dizer que a raça negra para o Brasil era comparável ao povo judeu para os alemães (1959: 53-57). Ele considera contraditória a beleza paisagística, distante e pouco dramática, dos poemas negros de Jorge de Lima,

em relação ao pensamento contido no ensaio citado. Esta contradição, fundamental para a afirmação de uma simpatia ou uma integração de Lima com o elemento negro brasileiro, é decorrente de uma problemática sociológico-literária de fundo antropológico por um lado e ideológico por outro. Há tanto o comportamento detectável nas práticas antropológicas brasileiras acerca da eugenia “necessária” quanto o vislumbrar-se distante, logo fazendo de si mais do que possível.

Um outro texto também singularmente importante, mas dificilmente acessível para os leitores brasileiros, é um ensaio publicado no Haiti pela professora Lílian Pestre de Almeida sobre “Essa Negra Fulô”. Em outro texto, Almeida explica os problemas de tradução de um poema de estilo popular e que em certos pontos chega a se tornar “amoral” para algumas pessoas e daí ter sido traduzido anteriormente de outra forma. Uma explicação bastante interessante é aquela sobre o nome “Fulô”:

Fulô est à foi “Flor” (“Flô”, “Fulô”, c’est-à-dire “fleur”), “Fuligem” (“suie”, “cendre”), “Fuleira” (“menteuse”, “vulgaire”, “voleuse”), Fleur-noire, Fleur-de-suie-et-de-cendre, Fleur-menteuse-et-voleuse, la jeune négresse est une Fleur du Mal. Em plus l’expression “Fulo” (sans accent sur la dernière syllabe) a plusieurs acceptions: comme substantif, c’est le mulâtre au teint doré ou un type d’esclave noir venu de la Guinée à la couleur bronzée; comme adjectif, dans l’expression “fiquei fulo de raiva” par exemple, signifie “furieux”, “plein de rage”. (1978: 33).

Na análise, ela qualifica o narrador como “à la fois distant et convenient” (1978: 34). A explicação final a respeito do sucesso de “Essa Negra Fulô” parece arguta e pontual:

Sa vogue auprès de l’élite blanche (ou se voyant blanche), liée au peu de notoriété des autres poèmes de Jorge de Lima sur le martyr nègre, s’expliquerait par le type de victoire de Fulô: victoire erotique, donc méchante et immorale, et en plus provisoire. Dans ce sens, “Essa Negra Fulô” est un sorte de l’alibi tandis que d’autres poèmes nègres de Jorge de Lima serait sentis comme une accusation, ou pire encore, comme un remords collectif. (1978: 38).

Finalmente, há de se anotar aqui uma propositada acidez no levantamento da fortuna crítica acerca da poesia negra de Jorge de Lima. O grande problema parece residir na perspectiva de abordagem da poesia negra

de Jorge de Lima. No gênero, a crítica tem se mostrado laudatória e (por isso mesmo) inconsistente no modo. Há uma tendência paternalista ao afirmar-se que Jorge de Lima é o grande escritor da expressão negra; a sua importância é outra, buscando outro percurso e inserida em outra tradição. Parece ser lícito apontar em Gilberto Freyre o início deste olhar menos crítico e mais louvaminheiro. Jorge de Lima estava alinhado com o pensamento positivista de sua época e não se pode dele exigir outra coisa; sua poesia ao tratar do negro mantém-se na rememoração da infância e da adolescência, no mesmo diapasão encontrável em *Menino de Engenho* de Lins do Rego. A leitura dos poemas “Democracia” e “Ancila Negra” denotam o espaço do quintal da casa-grande e a iniciação sexual dos brancos pelas escravas negras. Jorge de Lima parece mais preocupado com o cio, o ventre, a reprodução – visão de senhor de engenho, lúbrico, capturado pelo encanto da mulher negra, mas nem por isso menos senhor e explorador.

O tema do sofrimento do negro foi abordado por Castro Alves e Raimundo Correia; mesmo antes, há uma nota exemplar de Gonçalves Dias em *Meditações*; não se pode esquecer também da poesia de Luís Gama e de Caldas Barbosa; a virulência da *intelligentsia* branca atacou inúmeros mulatos e negros brasileiros que “ousaram” estudar em Portugal, nos séculos XVIII e XIX. Jorge de Lima tem, claro, o seu papel como poeta modernista que pensou o negro, dentro do reconhecimento da contribuição larga dos africanos, embora muitas vezes resvalando para o contexto folclórico ou religioso. Sua integração com esta herança é por vezes menos passiva e mais libertária, caso do poema “Serra da Barriga”. Na leitura de outro poema, “Olá! Negro”, é natural lembrar dos poemas da negritude caribenha:

Negro, ó proletário sem perdão,  
proletário, bom,  
proletário bom!  
Blues  
Jazzes,  
songs,  
lundus...  
Apanhavas com vontade de cantar,  
choravas com vontade de sorrir  
com vontade de fazer mandinga para o branco ficar bom,  
para o chicote doer menos,  
para o dia acabar e negro dormir!  
Não basta iluminares hoje as noites dos brancos com teus jazzes  
com tuas danças, com tuas gargalhadas!  
Olá, Negro! O dia está nascendo!

O dia está nascendo ou será a tua gargalhada que vem vindo?  
(Lima 1974: 181).

Mas essa sensibilidade na recolha da identidade negra aparenta mais ser um viés simpático. Sua biografia denota também uma “brancura”.

O ser negro no Brasil da primeira metade do século XX está pautado sempre por uma ânsia de branqueamento ou de eliminação da cor. Mesmo recentemente, ainda é notícia de primeira página a nomeação de um negro para cargos públicos importantes; no dia a dia, indivíduo que se vê negro ou mulato, ou como uma de suas inúmeras variantes de cor, acaba lidando com um mecanismo social de alavancamento, diminuindo sua herança “racial” sempre que possível. Expressões como “essa negra”, “nego”, “pretinho que nem tição”, “preto como o diabo”, “pretinha bonitinha”, “preta de cabelo ruim” e “esclarecer” são sempre fruto do preconceito. No nordeste brasileiro, o nojo pela raça negra, primeiro exposto em Gomes Eanes de Zurara e sua *Crônica da Descoberta da Guiné*, parece ter permanecido. Há um orgulho em revelar uma ascendência indígena e uma resistência em aceitar a parte negra. Essa ideologia tem sido patrocinada pela intelectualidade brasileira que reluta em aceitar a existência de um racismo cultural, além daquele gritante (sócio-econômico). Jorge de Lima postula a si mesmo como observador, exceto feito aos momentos de aparente emoção, lembrando as composições pitorescas do século XVII, particularmente os *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Enumerando uma série de substantivos de origem africana, misturados por um ritmo de percussão, o poeta leva os leitores a pensarem que estão diante de um grande defensor da raça negra, como se pode perceber na leitura de “Poema de Encantação”, “Xangô” e “Exu comeu tarubá”.

Apesar desta crítica ao poeta, o que interessa mormente a este trabalho é identificar uma distinção ou contradição da crítica acadêmica em relação aos poemas de temática negra de Jorge de Lima. Os poemas de Lima primam pela consciência do negro enquanto ser social, com história trágica e heróica, a par de uma enorme contribuição para a formação da cultura brasileira, dando-lhe ritmo, sabor e melancolia; entretanto, há de se ter um cuidado para não transformar essa consciência como valor dogmático, sem filigranas de imperfeição ou que denotem outras nuances.

#### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Lilian Pestre de. “Fulô: une célèbre jeune négresse brésilienne, lecture et traduction”. *Conjonction* (Haiti) 140 (1979): 101-111.

- . “Jorge de Lima: Quelques poemes afro-bresiliens: Lecture et traduction.” *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Bresilien* (Toulouse) 30 (1978): 23-38.
- BANDEIRA, Antônio Rangel. *Jorge de Lima – O Roteiro de Uma Contradição*. Rio de Janeiro: São José, 1959.
- BASTIDE, Roger. 1947. *Poetas do Brasil*. Curitiba: Guaíra.
- CAVALCANTI, Povina. 1969. *Vida e Obras de Jorge de Lima*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã.
- DEGLER, Carl N. 1971. *Neither Black nor White*. New York: MacMillan.
- FITZ, Earl E. 1976. “The Black Poetry of Nicolás Guillén and Jorge de Lima: A Comparative Study”. *Inti: Revista de Literatura Hispánica* 4: 76-84.
- LIMA, Jorge de. 1974. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.
- KENNEDY, James H. 1973. “Jorge de Lima: Brazilian Poet”. *Black World* 22 (set.): 18-23.
- MILLIET, Sérgio. 1953. *Panorama da Moderna Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: MES/ Serviço de Documentação. 251-293.
- NUNES, Maria Luísa. 1976. “The Black Poetry of Jorge de Lima”. *College Language Association Journal* 19: 418-31.
- PRETO-RODAS, Richard. 1975. “The Black Presence and Two Brazilian Modernists: Jorge de Lima and Jose Lins do Rego”. *Tradition and Renewal: Essays on Twentieth-Century Latin American Literature*. Ed. Merlin H. Forster e Robert E. Scott. Urbana: U of Illinois P. 81-101.